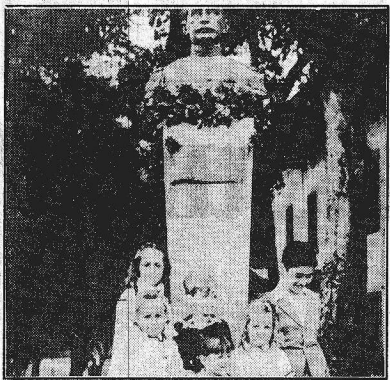




FHC (à direita) com primos ao redor do busto do avô



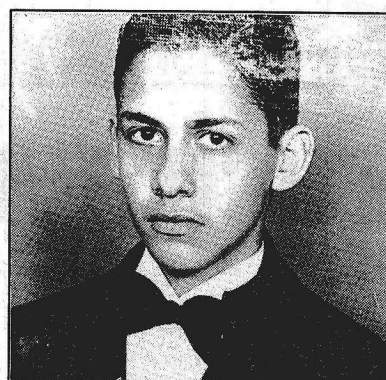
A irmã Gilda, o primo Carlos Joaquim e FHC, com 8 anos



Fernando Henrique (direita), com a mãe, o pai e os irmãos



FHC (esquerda) com primos em sua casa na Tijuca, no Rio



Na adolescência, com 14 anos, durante o ginásio



Na USP, defendendo sua tese de livre docência em 1963



Sartre e Simone de Beauvoir: palestras em São Paulo nos anos 60



Nelson Pereira: amizade



Florestan Fernandes: guru

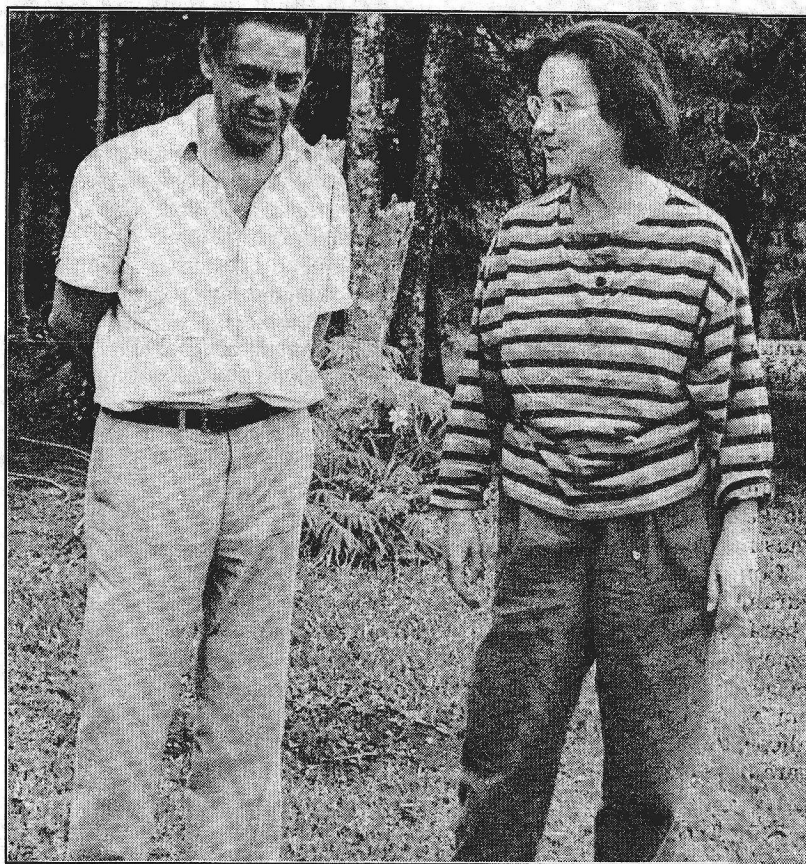
Transbordamento

Mulher morta
Branca mulher triste...
Ai que eu sou poeta de tempos agonizantes
Ai que ninguém me pode compreender
As mensagens são brumas hibernais
Flutuando em corações gelados.

E mesmo assim
Eu sinto a grandeza

De cantar as gerações esmagadas
Entre ambições e angústias.
Bandeiras esvoaçantes
De ideais caducos
Balouçam nas inteligências moças
Já cansadas, esgotadas,
Pobres inteligências vãs!

Quasi já não há poesia
Mulher morta
Branca mulher triste
E há quem teime em ser poeta...



FHC em momento de descontração com a mulher Ruth Cardoso

Paixão pela política vem do ginásio

No Colégio São Paulo, o jovem Fernando Henrique exercia sobre os colegas uma liderança silenciosa

Em 1942, Fernando Henrique começa a cursar o ginásio no Colégio São Paulo. Roque Cônsolo, um tenente do Exército que dava aulas fardado e foi seu professor no ginásio, se lembra de um menino magro, compenetrado, quieto, que exercia sobre os colegas uma liderança silenciosa. "Ele era líder, sem ser um pavão", diz. A escola fica a poucos passos do apartamento de seus pais. A proximidade transforma a residência da família Cardoso em ponto de encontro obrigatório dos alunos. Na sala de estar de dona Nayde, eles ensaiam papéis para a vida adulta. Dois jornalecos ginásianos — *O Guarani* e *A Crônica*, este dirigido por Fernando Henrique — estimulam a produção de poemas sofríveis e ensaios encabulados. A vida civil começa.

Em 45, quando os pracinhas retornam da frente de batalha, podem ver o jovem Fernando Henrique perfilado na calçada da Avenida São João, o coração aos saltos, ao lado do amigo inseparável Célio Benevides Carvalho — que muito mais tarde se tornaria procurador da República em São Paulo — para receber os heróis que, recém desembarcados na Estação do Norte, desfilam pelas ruas da cidade. Ao ouvido de sua colega Radhã — hoje Radhã Abramo, viúva de Cláudio Abramo —, Fernando Henrique confidencia: "Um dia vou ser senador da República." A queda da ditadura Vargas, a redemocratização e a Constituição de 46 marcarão sua formação. Nesses dias sua alma é moldada pelo pluralismo e pelo anti-radicalismo, que jamais o abandonará.

O coronel Cardoso, que logo depois se torna general, é um homem vibrante e um nacionalista formado na melhor tradição positivista: quando se olha no espelho, às vezes, o coronel vê por instantes a imagem de Benjamin Constant. Transmite fervor ao filho e o contagia. No colegial, Fernando Henrique, um rapaz magro, de olhos grandes e quase 1,80 m de altura, se torna uma figura romântica, com sua vasta cabeleira,

olheiras levíssimas e ruído sêquito feminino. Passa a freqüentar a Galeria de Arte Itapetininga, onde o pintor gaúcho Miguel Barros, o proprietário, se cerca de amigos como o escritor Bráulio Pedrosa, o futuro cineasta Nelson Pereira dos Santos e artistas plásticos radicais como Mário Gruber e Waldemar Cordeiro — que pronuncia pela primeira vez diante dele, para seu imenso susto, a palavra "abstracionismo". E onde esbarra, vez por outra, com a figura alvorçada de Oswald de Andrade.

No burburinho da galeria, a partir dos fins de tarde e sem hora para terminar, é tramado o único número da *Revista dos Novíssimos*, datado de janeiro-fevereiro de 1949, publicação com ares pedantes, na forma de livro e com tiragem de mil exemplares, em que pontificam os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, além de Boris Fausto e Décio Pignatari. A redação se torna uma espécie de trincheira onde os "novíssimos" se opõem, com humor selvagem, à célebre "geração de 45". Seu lema, entre a radicalidade e o deboche, é: "Não sei para onde vou, não sei por onde vou, só sei que não vou por aí." Fernando Henrique marca presença na revista com dois poemas transpassados pela melancolia e pelo niilismo, em versos livres e influência indistigível dos simbolistas — *Visão Segunda* e *Transbordamento* — em que demonstra sua absoluta falta de vocação para o gênero. *Visão Segunda* começa com um protesto: "Ai os agudos acordes do violino/ Soando nos meus ouvidos." Nele, ele se permite acrobacias metafóricas do tipo: "Meus negros cabelos de espanador/ Trazem bolas de neves nas pontas". Já *Transbordamento* se fecha, apesar de tudo, com constatação lúcida: "Quase já não há poesia/ Mulher morta/ Branca mulher triste/ E há quem teime em ser poeta..." A lucidez, por sorte, vence: o País talvez, agora, não seja obrigado a conviver com novos marimbondos chamuscados.

É também na "happy hour" da galeria de Miguel Barros que se funda o Clube dos Artistas e dos Amigos da

Arte de São Paulo. Mas, desde aqui, a poesia já serve, mais que tudo, como álibi para disfarçar o gosto de Fernando Henrique pela política, esta sim sua musa verdadeira. Nos corredores do Congresso da Associação Brasileira de Escritores, realizado em São Paulo em 1948, agitados pela verve corrosiva de Oswald, o jovem Fernando Henrique — como a maioria dos participantes — discute mais política que estética. A poesia é, só, um disfarce para a timidez.

Durante os três anos do curso colegial, Fernando Henrique se torna diretor do centro acadêmico. Os alunos, simulando a política real, se abrigam em partidos. Fernando Henrique é, a essa altura, o grande articulador de bastidores do Partido Libertador, que deve seu nome não a uma opção ideológica, mas a um acaso. Em 46, na primeira campanha e ainda sem um nome, o grupo de Fernando Henrique herda todo o material eleitoral de um dos partidos do Centro Acadêmico Onze de Agosto, da Faculdade de Direito. Flâmulas, panfletos, bradeiras trazem o nome do partido vencedor: o Libertador. Sem alternativa, e sem dinheiro para produzir seu próprio equipamento de propaganda, o grupo de Fernando Henrique adota, não só o material usado pelos acadêmicos de Direito, mas o nome de sua tendência. A libertação começa com uma rendição.

O jovem Fernando Henrique é, a essa altura, um rapaz que se veste com elegância, cultiva certo mistério pessoal e passa a freqüentar os devaneios femininos. É um rapaz que gosta de se divertir. Na rua de casa, freqüenta o Cine Santa Cecília — hoje transformado em uma loja de pneus —, estranho prédio decorado com motivos indianos, que exhibe filmes mudos e comédias desprezíveis. Logo, se torna freqüentador assíduo da Cinemateca Paulista, muitas vezes escoltado por Nelson Pereira dos Santos, onde empanturrava-se de filmes de Eisentein e viu pelo menos uma dúzia de vezes *O Gabinete do Dr. Caligari*, de Robert Wiene. (J.C.)

PAI MILITAR
TRANSMITIU
INFLUÊNCIA
PATRIÓTICA